

Resenha

Espelho infiel

(CARRANÇA, Flávio; BORGES, Roseane da Silva (Orgs.). **Espelho infiel**: o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2006, 189p.)

Thais Vital dos SANTOS¹

As consequências do preconceito e dos estereótipos negativos associados à população negra como a invisibilidade destes nas pautas jornalísticas e nas redações midiáticas são abordadas no livro *Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro*.

A obra está dividida em quatro capítulos (o primeiro é composto por dois artigos; o segundo, por cinco; o terceiro, possui quatro artigos e último, dois) justamente para tratar da imagem dos negros nos meios de comunicação, bem como ampliar entre os jornalistas e em toda a sociedade uma visão crítica sobre a forma como a imprensa trata os temas relacionados a negros, índios e a outros segmentos historicamente vulneráveis.

O livro evidencia a infidelidade do universo jornalístico com a constituição do ser negro, ou seja, denota e discute a presença estereotipada da população negra e indígena que é retratada nos diversos meios de comunicação, especialmente nas pautas e coberturas jornalísticas.

Na “Apresentação” da obra, os organizadores enfatizam a conveniente metáfora do título do livro que se refere a infidelidade do espelho quanto às pautas relacionadas à população afrodescendente. Os artigos alertam aos jornalistas e profissionais da comunicação para um jornalismo marcado por estigmas, além da falta de representação e representatividade de negros e indígenas. Outro fato importante relativo ao espelho é que o seu reflexo não corresponde à realidade da população negra brasileira.

No primeiro capítulo “Entrar pelo Espelho: Desafios e Contradições”, o livro traz o artigo do doutor em Ciências da Comunicação e professor na ECA-USP Ricardo Alexino Ferreira, intitulado *Quando a imprensa branca fala da gente negra: a visão eurocêntrica da imprensa na cobertura de afrodescendentes*, que enfatiza a importância

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB). Email: thavital@hotmail.com

dos conflitos etnicorraciais no mundo contemporâneo e chama a atenção para a necessidade de uma formação antirracista para o jornalista, a qual lhe permita cobrir os fatos sem reforçar estereótipos e preconceitos. O autor destaca, ainda, que não se pode comparar os conflitos étnicos no Brasil e no Exterior, pois a diversidade racial, social e cultural do nosso país torna os conflitos étnicos mais diluídos e mascarados. Outra questão importante são os casos de discriminação na publicidade. Alexino faz uma breve análise de duas campanhas publicitárias e constata a imagem estereotipada das pessoas negras nelas representadas, o que implica na má formação e naturalização do racismo no profissional de comunicação.

Em seguida, no artigo *Imprensa e racismo: espelho das contradições sociais*, a doutora em Ciências da Comunicação Cremilda Medina discute o desempenho ético no jornalismo, enfatizando que a discriminação reflete valores que, na própria sociedade, sublimam as suas contradições. A autora reafirma a ideia do artigo anterior quando alerta para a importância da formação do jornalista e demais profissionais da comunicação.

Edna de Mello, doutora em Ciências da Comunicação, abre o segundo capítulo intitulado “A lógica Espetacular: Negros, Mulheres e Índios vistos e revistos na Imprensa Brasileira” apresentando a exclusão social da mulher negra brasileira, através da análise das revistas *Cláudia* e *Marie Claire*, no artigo *As cores da mulher negra no jornalismo*. A autora constata que ora a imprensa aborda as carências e faltas que historicamente essas mulheres possuem, ora retratam os estereótipos e estigmas que estão a elas ligados.

No artigo seguinte *A imagem das mulheres negras na televisão brasileira*, a pesquisadora Antonia Aparecida Quintão também aborda as mulheres negras no jornalismo, mas com o olhar voltado para a televisão. Ela destaca, como já era de se esperar, a falta de visibilidade, representação e representatividade da negritude feminina nesse meio comunicação, e chama atenção também para as imagens estereotipadas, degradantes e estigmatizadas dessas mulheres nesse espaço, quando são retratadas. Outro fato importante que a autora expõe é que a mulher negra se encontra em posição desfavorável no mercado de trabalho, e sua mão de obra chega a ser ainda mais desvalorizada que a dos homens negros. Sinteticamente, o texto critica os estereótipos

raciais em todos os aspectos da sociedade, e especialmente na televisão, bem como as expressões racistas naturalizadas que utilizamos nas conversas cotidianas.

Assim como a população negra, os indígenas também são alvo de discriminação racial. Maria José Alfaro Freyre, doutora em Antropologia Social, preocupa-se, no seu artigo *A construção de um Réu-Payakã e os índios na imprensa brasileira*, em observar como se caracterizam as representações desses povos e identifica as estratégias escolhidas para apresentar as notícias, as linhas de interpretação sugeridas e as representações acionadas sobre as populações indígenas.

Tendo como objeto de estudo a Copa do Mundo de Futebol de 1998, o artigo *Manipulação e construção da identidade da África negra na imprensa brasileira* de Solange Couceiro, professora doutora na USP, e Maria Aparecida Baccegga, professora e pesquisa da ECA-USP, analisa e explora a forma como a mídia trata o continente africano. As autoras flagram as formas de tratamento usadas nas coberturas jornalísticas carregadas de adjetivações e predicções discriminatórias. Um dos casos citados no texto que também esbarra na falta de formação antirracista do profissional da comunicação é quando um jornalista se refere a um jogador negro africano ligando sua qualidade de ter “faro para o gol” a um animal, devido a sensibilidade para o cheiro, bem como o uso de adjetivos como “feroz” para destacar a atuação dos jogadores africanos. Por fim, pode-se adiantar que, nesse artigo, as autoras mostram as formas de fazer jornalismo de profissionais brasileiros e estrangeiros, evidenciando que os primeiros só reproduzem o racismo e as visões estereotipadas dos jogadores africanos.

Roseane da Silva Borges, jornalista e pós-doutoranda em Ciências da Comunicação, analisa os bastidores discursivos do programa policial TV Bandeira 2, veiculado no Maranhão, e mostra que este programa estrutura-se a partir das falas estereotipadas e racistas dos entrevistados, o que afeta consideravelmente o negro. No artigo *Jornalismo-verdade ou condenação sumária? Jornalismo policial e os mal-ditos nos programas policiais de tv*, Borges aproveita o ensejo e assegura que tal prática não é exclusiva do jornal maranhense, mas é presente no jornalismo policial brasileiro.

O terceiro capítulo “Espelhos que congelam certos olhares: Pautas, Coberturas e outras formas de noticiar” traz como primeiro artigo *Do 13 ao 20: mídia e etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos* do doutor em Ciências da Comunicação Fernando Conceição, o qual refere-se ao tratamento dado à questão racial por jornais brasileiros

na época do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares comparando-o ao modo como a imprensa norte-americana abordou os 30 anos do assassinato de Malcom X.

Antonio Sergio Alfredo Guimarães, doutor em Sociologia, produziu o artigo *O Recente anti-racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários* o qual analisa o racismo que aparece em 101 matérias coletadas em três jornais diários mais importantes editados no Rio de Janeiro e em Salvador: Jornal do Brasil, O Globo e Folha de São Paulo. A sua intenção com esse texto é compreender como se está gerando no Brasil um novo senso comum para o qual o racismo é algo existente, discutível e condenável.

Outro texto importante do capítulo que também trata da cobertura de jornais sobre a temática das relações raciais é o artigo *Mídia e racismo – A que é se destina?* da jornalista Nilza Iraci e da mestra em Comunicação Marisa Sanematsu. Ambas abordam a cobertura feita por jornais impressos sobre a Conferência Mundial contra o Racismo de Durban, África do Sul. Ao fazer essa densa radiografia sobre a postura de jornais locais em relação a esse tema, as autoras lançam um desafio social frente a essa nova era da informação que é produzir um contra discurso, promovendo o intercâmbio de valores sociais, reafirmando a identidade de toda uma população historicamente oprimida e excluída.

No último artigo do capítulo III *O Potencial da internet na luta contra o racismo*, o sociólogo Eduardo de Oliveira ressalta a importância e a contribuição da Revista *Raça Brasil* e da revista eletrônica *Afirma* em detrimento da dificuldade da imprensa tradicional e hegemônica de abordar a questão racial de maneira isenta e sem estereótipos.

O capítulo IV “Outras perspectivas da imagem: Espelhos que refletem e alimentam outras possibilidades” traz dois artigos. O primeiro, de Muniz Sodré, *Mídia e Racismo: um pé fora da cozinha*, mostra a persistência de um racismo socioeconômico que joga o negro à “cozinha” dos meios de comunicação e deixa claro que essas questões relativas ao racismo e relações raciais não interessam para as elites intelectuais da atualidade. Em seguida, para finalizar a obra, o jornalista Flávio Carrança levanta dados que comprovam a baixa participação de negros como sujeitos produtores de conteúdo na imprensa brasileira em seu artigo *Igualdade Racial entre os jornalistas ainda é uma meta*, denotando esta como sendo uma das consequências da discriminação e exclusão social dos afrodescendentes.

O livro *Espelho Infiel: O negro no jornalismo brasileiro* traz uma reflexão pertinente e importante para os dias atuais, apesar de ser sido publicado em 2006. Ainda nos deparamos com a reprodução de discursos midiáticos estereotipados na mídia brasileira, seja nos jornais, telenovelas, entretenimento. Além disso, nota-se a valorização da cultura branca, eurocêntrica como dominante, o que contribui diretamente para a formação de uma sociedade racista e intolerante.

A má formação multidisciplinar dos jornalistas e profissionais da comunicação em geral que estão no mercado de trabalho também é um alvo importante de discussão ao longo da obra. As universidades exercem um papel fundamental na vida acadêmica dos futuros profissionais, mas no decorrer das leituras, conclui-se que as instituições estão preocupadas em formar jornalistas técnicos, e não profissionais multidisciplinares.

A leitura da obra permite a reflexão sobre a ausência de jornalistas negros nas redações e dá embasamento para se entender essa desigualdade racial no campo profissional da comunicação.

Entretanto, o livro não traz caminhos para que essas desigualdades e discriminações raciais sejam superadas. Nota-se, ao longo da obra, a infinidade de meios em que é possível encontrar a prática do racismo sendo exercida, no entanto, há momentos mais descritivos do que críticos, o que ocasiona um esmorecimento da obra quanto a solução para essas questões. Ao ler *Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro*, o leitor é quem deve pensar formas de superação do racismo. Para além das críticas, uma das formas para amenizar a prática racista nos meios de comunicação, seria uma disciplina nos cursos de graduação sobre diversidade étnica, ou uma formação continuada ou curso de extensão, oficinas para os profissionais que já estão no mercado de trabalho. Outra alternativa importante que já está sendo praticada é a inserção da História da África e da cultura Afro-brasileira na educação básica.